



ANDRADE, Andreia de Lima. (Des)amor em memória. In: **Revista Épicas**. Ano 6, N. 12, Dez 22, p. 230-232. ISSN 2527-080-X.  
DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2022.v12>

### (DES)AMOR EM MEMÓRIA

Andreia de Lima Andrade – UFRPE/UAST

SILVA, Fabio M. **Memorial do (des)amor**. Caruaru, PE: WDimeron, 2021.

“Toda arte é uma paródia de nós mesmos”  
Lima Barreto

*Memorial do (des) Amor*, primeiro livro de poesia do professor Fabio Mario da Silva, está dividido em quatro partes: “POEMAS-AMOR”, “O DESamor”, “O Amor” e “O (des) Amor: parte II”. Através dos títulos das sessões, percebe-se que esse é um livro onde pulsa o amor, mesmo quando lemos o prefixo de negação “des”. O poema que abre a obra, de Fabio Mario, diz muito sobre sua poética: “Minha poesia é barroca, é romântica/ talvez um pouco modernista ou simbolista [...]” (SILVA, 2021, p. 17), versos um tanto paradoxais, citando estéticas literárias que a princípio se distanciam, não parecem dialogar, mas que se harmonizam num projeto literário cíclico, onde tradição e ruptura se aproximam. Certas contradições são impregnadas de uma grande carga afetiva na produção de uma poesia prosaica, “que não quer ser estética literária/ nem tampouco devanear em lágrimas rasteiras [...] sua única intenção é ser aprazível/ deleitar algum ente querido e se desfazer toda NUA de puro (des) amor!” (2021, p.17). Se, consoante a paradoxal assertiva de Jean Cocteau, “a poesia é indispensável se ao menos eu soubesse para quê”, em Fabio Mario, e, no *Memorial do (des) Amor*, a poesia, para além do processo de formatividade linguística de uma singular experiência vivida, se constitui

num roteiro seguro e ao mesmo tempo arriscado de apreensão da essencialidade do amor, a contradição do percurso tem a sua razão de ser, uma vez que o sujeito lírico “Faz poemas por entre as intempéries da vida/ Nessas horas, nunca imaginadas, eles apenas me vêem e zelam por mim/ Neste instante, em que as palavras brotam, deixo que os versos (me) pensem em mim” (“Poesia II” – primeira parte, 2021, p.19). O poeta coloca a poesia numa posição de destaque e ela torna-se sua “amante inesperada” (2021, p.21). Assim, amor e poesia engendram-se mutuamente e podem identificar-se um com o outro.

Na seção “O DESamor”, com poemas carregados de sensualidade, o vate canta o amor, mesmo quando prefigurado de desamor, quando ausente ou imaginado. Emerge uma tensão semântica “que em tom melancólico, o impede de se despir, do calabouço que o sufoca sem amor” (“poema I”, 2021, p. 27). Pois, “O amor é o destino apenas para aqueles a quem a vida perdoou e predestinou antes de sonharmos ser transeuntes” (“poema IV”, 2021, p. 33). A parte que se segue, “O Amor”, reconstrói, “à sua maneira, a percepção desajustada que caracteriza o sujeito dessa poesia”, conforme Gilvano Vasconcelos (2021, p.12), isso é perceptível no poema IV – “O exagero de Amar”:

Tocaste-me com a tua ausência  
na mansidão do teu olhar honroso.  
Sugaste-me no silêncio de tuas palavras  
e no brilho enlouquecedor de tua pele refletiste-me luz,  
uma luminosidade tão incandescente que me foste cegando de amor  
de paixão, de complacência pela saudade.  
Foi nas chagas de tuas dores que eu descobri o teu mais delicado ato.  
E, desde então, na pureza da tua essência, eu gozo mil sabores  
e te sonho a cada noite como se tu fosses um astro que vem iluminar  
[todas as madrugadas,  
(à minha janela) a íris dos meus olhos infectados de vaidades.  
(SILVA, 2021, p. 53)

Na última sessão, “O (des) AmoR: parte II”, ocorre uma mudança de tom e cor, todos os poemas têm título, o amor encontra-se enraizado nas paisagens do agreste e do sertão: “À sombra de um umbuzeiro, meu grande amor fez paragem/ para admirar apenas as verdejantes e similares linhagens/ de uma terra sem fim, numa paisagem sertaneja, pintada em seus sonhos estelares” (“O Umbuzeiro”, 2021, p. 67). “O mel de uruçú jaz aqui [...] enterrando-me na colmeia mais seca deste Agreste/ cheio de lembranças amargas e de saudades” (“O mel de Uruçú”, 2021, p. 69). Ainda, nessa sessão, há um poema dedicado ao mestre Vitalino e a Caruaru, “O Barro”, “Do Barro eu nasci e ao barro voltarei/ voltarei às instâncias pequenas/ e à laboriosidade do dia a dia/ ao mestre, o Vitalino que do barro nos fez [...]” (SILVA, 2021, p. 71). Esse poema enaltece um grande artesão caruaruense, um dos maiores artistas populares

do Brasil, mas, também dialoga com a tradição judaico-cristã do primeiro homem ter vindo do barro.

A obra foi lançada no sertão de Pernambuco, na cidade de Serra Talhada, lugar mais que propício, uma vez que o livro “consegue tão bem harmonizar a fusão de elementos clássicos com uma cor local do sertão e do agreste”, conforme Gilvano Vasconcelos (2021, p.13) afirma no prefácio. Isto é percebido desde a capa com a xilogravura de J. Borges, nas imagens que permeiam as páginas da obra e nas palavras que compõe a poesia: “Entre o Agreste e o Sertão tu nasceste. / Entre o calor intenso e a brisa fresca Deus te fez gente” (SILVA, 2021, p. 59). Veio a público num momento conturbado, no entanto, falar de poesia em meio ao caos é esperar, é cultivar a beleza, num momento que a liberdade e dignidade do homem estão em crise, nos utilizamos da literatura, da poesia para combater a intolerância sob qualquer aspecto em que se apresente, parafraseando Hermilo Borba Filho.

O autor nasceu em Caruaru, agreste pernambucano. É pós-doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo e em Estudos portugueses pela Universidade de Lisboa. É doutor em Literatura e mestre em estudos lusófonos pela Universidade de Évora. Possui licenciatura em Letras pela FAFICA/Caruaru. É pesquisador colaborador do CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias) e do CEC (Centro de Estudos Clássicos), ambos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Também integra a equipe do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos (CIMEEP), da Universidade Federal de Sergipe. Dirigiu em conjunto com a professora Cláudia Pazos Alonso (Universidade de Oxford), a edição anotada das obras completas de Florbela Espanca pela editora Estampa (Lisboa) e organizou, também em conjunto com Pazos Alonso, uma edição da obra modernista de Judith Teixeira, com textos inéditos, pela editora Dom Quixote. Preparou a edição da trilogia épica de Soror Maria de Mesquita Pimentel, primeira epopeia escrita por uma mulher em língua portuguesa. É membro associado da CRIMIC, da Sorbonne Université. Atualmente é professor de Literatura da Universidade Federal Rural de Pernambuco, na Unidade Acadêmica de Serra Talhada.

Como diria Mario de Andrade, os jovens talentosos são portadores de desequilíbrios poderosos, sobretudo quando incursionam pela desbordante seara da criação poética, finalizo utilizando as palavras de Antonio Soares: “poesia só os poetas são capazes de criar, ao passo que poema qualquer pessoa aprende a construir”. *Memorial do (des) Amor*, um belíssimo livro de poesia.